

POEMAS

*DE BELLÉ JÚNIOR***II - Acho que sou pólen**

[Uma tarde. Perdi.

O olhar.

No mar-lá. De Moçambique.

Azul-abismo. Azul-celeste. Dois azuis pintados. De leste.

Sobre minha cabeça. Passarada. Várias. Pardelas-pretas.

A ave que voava afrente. Meu viu de longe.

Fez a volta. Planou. Sobre a água. Mergulhou.

Num instante.

Saltou das ondas. Triunfante.

Ânsia de prata. Escamada. No bico. Um peixe.

Rodopiou. Asas abertas.

Aterrizou. Um. Dois palmos. De minhas pernas.

Ofereceu a carne. Aos meus pés.

Me reconheceu. Como espécie.

Bati as asas. Novamente.

E. E. Se...

Levava comigo: Apenas. Isso. E aquilo. Uma bolsa grande.

Bordada em trevo de flores. Alaranjadas e vermelhas.

Caule verde. Pequenos brotos. Quaisquer arco-íris.

Bordadas. Estavam também. A solidão e as lembranças.

Dentro dela. E no cheiro. Delas. Vestidos e sandálias.

Um coturno velho. Tênis velhos. Roupas de inverno. E a primavera.

Nos olhos.

Passaporte brasileiro. Carimbos-todos. Pouco espaço para novos.

Livros. Com esquinas amassadas. Quarteirões. Com meus autores favoritos.

Anotações. E rabiscos. Em meu caderninho cubano. Capa com a foto. De Ernesto.

Desde Havana. Minhas várias poesias. Começam nele. Como comecei. Aqui.

Quando maduras. As arranco da página.

E dobro. Folhas de hortelã. Num envelope de hanji.

Além disso. Levo comigo. Muitas cartas. Amigos e amores. Que a estrada me trouxe.

E que. Ao partir. Se tornaram palavras.

Não viajei. Vivi lugares.

Fui o que qualquer flor seria. Se pudesse.

Um dia.

Florescer a alforria da terra. Então voar pelo vento.

Para campos distantes. E lembrar dos tempos.
Em que seu horizonte era ar. Enfim soprar.
Livre.
Seu destino de pólen.

Acho que sou pólen. Ou anúncio de flor.

Viajei o mundo pela única razão. De não.
Poder viajar às estrelas.
Mas guarde um segredo: A saudade.
E a liberdade. Grave. Como motivo grave. Grave. Como inspiração.

Viajei o mundo. Porque escutava. Cascata pura. E venenosa. Vozearia d'água.

Os uivos. Uivos. De futuro. Retumbavam nas rochas. Seus borrifos.
Me inundavam.

Muitos-repentinos. Arrebatadores. Mergulhei no mundo.
Porque no uivo. Eu cri. Cri. Como grilo solitário. Em madrugada escura. E gramado vasto.

Uivo é lobo: Fúria crua: Numa matilha: Cortando o céu. Ventania.
No meu coração.

Lua crescente. Numa impaciente cheia. Querendo enxurrar.

Já escutou o futuro uivar?

Já escutou sua voz obstinada. Esbravejando fados doces?

O uivo tem brado de vida. Melodia que rasga. E dói.

O uivo. Traz. O clamor da marcha. Agora.

O uivo. Exige. O frescor de paisagens. Outras.
O uivo. Faz. A promessa de paixões. Inéditas.
O uivo. Cumpre.

Ah. Mas e se.

Quando o futuro uiva. Berro de angústia. Enlameia meus vãos.
Terreno úmido. Onde-dissemino. Ele brota: Em mim. Imponente como o Sol.

Rápido como uma Nuphar: Amarela como é: Estrela barrenta.
Meus braços no lodo. Meu peito de pântano.
Insensibilizam a pele. Ao toque. Ao afeto.
E o passado. Ao arrependimento.

Tudo que é agora. Perde o interesse.
Desfaz-se o encanto. Do presente.
Tudo que é momento. Desaparece.
Para meus olhos.
Só o depois: Acontece.

Colhi tomates: Era uma fazenda. Ao sul. De Auckland. O futuro uivou.

Após o segundo prato. De espaguete.

Lavei talheres: Lavei o chão: De um restaurante. Em Seattle.
Pratos e copos. Aos cacos. Uivaram juntos. E despedaçados.

Carreguei livros: Era a biblioteca. De Salamanca.

“En la bandera de la libertad bordé el amor más grande de mi vida”.

O uivo citou Lorca.

Amei um percursionista: Foi em Lagos. O tamborilar uiva. Me dança. Me afasta.

Fui feliz: Em Christiania. A segunda-feira. Uivando. Me embarcou para Berlim.

Incessante: Eu:

Murchava já. Brilhava adiante.

Rompia com o hoje. Irrompia para o amanhã.

Secava para a rotina. Nascia com o porvir.

Juro que amei a uns. E outros me amaram.

Mas o amor é cais. Cais: Quase nada. Quando. Há muito.

O uivo de futuro impõe. Deriva-de-ondas. Enraivecidas.

Nebulosa tarde de temporal. Vista da costa. Da vista.

Marejadas.

Uivo-paixão. A paixão é incendiária.

Chama à infamável-matéria. Num pulsar de fera. Desliza.

Enchente-acende. Em chamas. De vozes frígidas.

Cega. Em manhãs de luz forte. Vira hóspede. Das noites claras.

As acinzentas. Recolhe as brasas.

No cinzeiro. Sua enxurrada. Se despede. E nada.

Como sereia. Desaparecia. Nas marés altas.

Não deixava desculpas. Nem levava qualquer culpa.

Por não deixá-las.

A cada estação. Fui embora. De alguém.

Embora. A cada estação. Em alguém. Eu aportasse.

Havia um preço. Que aumentava. No calendário apressado.

Me marcando a cara. Face a face. Com traços. E espelhos. Estraçalhados.

Suas cicatrizes varada nos ossos. E nas velas. Na orla de minha alva.

De mulher: Morrer viva. E renascer morta:

Haveria sempre. Terra nova. Para descobrir.

Mas nunca. Terra minha. Onde esconder. Minhas descobertas.

Eu sabia para onde ir. Mas nunca para onde voltar.

Eu sabia do preço. A se pagar. Dele. Sempre soube: jamais seria capaz de vencer a superfície.

De qualquer mapa. De nada. Nem de ninguém. Me fiz na profundidade negligenciada.

Destes-meus-tantos: Alguéns.

Nunca pude penetrar. Na selva de seus sonhos.

Nem eles. Na savana dos meus.

Não pude acalmar. As serpentes.

Embotadas. Em suas tocas. Reclusas. Nem eles puderam.

Arrancar com as unhas. Minhas ervas.

Peçonhentas.

Não pude banhar-me. Nos seus oásis de gelo.

Nem eles tiveram tempo. De escalar minhas cordilheiras.

Ter a vista-acima. De meus nevoeiros. Vasta a ponto de meus próprios olhos:

Nem eles. Nem ao menos.

Mas paguei. Como promessa. E testamento de memórias. Paguei.
Investi. Como bandeirante. Colonizei receios: com a foice nos dentes:

Espantei os primatas. Domestiquei as feras. E fiz caminho.
Não. Permiti que por mim. Ninguém o fizesse. Arranquei meus espinhos. Com beijos.

Fui a dançarina de meus passos. E de fado. Em alguns cadafalsos.

Caí.

Nas gangorras. Balbuciei. Sem saber ao certo. Pra que lado. Ou no ouvido de quem.

Só saberia. A hora de parar. E pararia.

Quando o uivo não mais gritasse.

E o futuro calasse. Quando: Silêncio.

Mudez debaixo do meu seio: Esquerdo.

Quando minha vontade. Calada. Os libertasse.

Quando o uivo se tornasse:

Murmúrio de rio pequeno. Ou de riacho imenso.

E o murmúrio de rio pequeno. Me navegasse.

Em suas margens. Afogaria dilemas. Ancoraria planos.

[De eternidade.

Soube. Quando meus grãos de pólen. Anunciaram semente. Germinaram raiz.

Amarelaram-se os dias. O ilhéu da noite-finda. Choveu. E verdejou-me. Serrania.

Só então: Fui-enfim. Colhida.

Nos braços.

Dos meus.

Quando ouvi. Ávida e limpidamente: Os soluços do Rio Varanda.

Tão fino para encostas tão largas. Rasteja.

[Com barriga de cobra verde.

Espirros de bagre. Ensaboado na lama.

Ouço os murmúrios. Já. Me sinto calma.

O temporal que me trouxe. O mais rápido que pude. Só pode.

[Trovejar:

Estrondo de lobo: Em noite de chuva.

Em minhas nuvens: Seu uivo mais forte: O mais imperioso chamado de vida.

Intenso e urgente como nunca antes. Tive medo.

Mas não tive saída.

Em minhas entranhas. Eu entrava. E ele se despedia.

Deixava seu recado. Num diário. De ontem.

No fundo de uma banca. Num beco. Em Livorno - Itália:

“Nel sud del Brasile, la rivoluzione libertaria vince l’ultima battaglia”

A cada sílaba. Eu sentia. A sede que não cedia.

Nem com um mar de águas.

Eu desenraizava.

Em silêncio. O uivo. Ia: Calando. Me deixava.

Seu vazio. Quietos de cores. Repletas.

Em meio ao nada. Caiado. De liberdade.

E alívio: Ali vi. E soube.

Eu simplesmente. Soube. Quando vi.

Minha viagem. Acabara. Hora de ir-embora. De volta.

Pra casa.]

**Blecaute**
Revista de Literatura e Artes



www.revistablecaute.com.br
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

BELLE JÚNIOR (SÃO PAULO-PARANÁ) – Poeta e jornalista. Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Autor do livro de poemas *Trato de Levante* (Patuá, 2014)